

espiritismo durante pouco mais de seis anos e nada indica que tenha deixado qualquer núcleo organizado que lhe sobrevivesse”⁵⁹.

Conclusão

António Manuel dos Santos Teixeira foi uma figura ímpar em Cabo Verde, impulsionando a cultura local. Foi um homem bastante proativo, tanto como sacerdote, como educador. Fomentou o gosto pela leitura e procurou promover a instrução dos cabo-verdianos, afirmando a sua consciência identitária. Criou várias escolas de ensino primário, combatendo o analfabetismo. Empenhado na escrita, promoveu também a publicação de um almanaque e era correspondente de outras revistas, em particular *O Ultramarino*.

A adesão ao espiritismo, doutrina espiritualista e reencarnacionista estabelecida na França em meados do século XIX pelo autor e educador Allan Kardec, em 1911 valeu-lhe ser excomungado pela Papa, em 1912. Teixeira considerava-se um “pequeno médium vidente”, “auditivo” e “curador”, tendo “aliviado” vários doentes. Se as “coisas bizarras” via-as na “luz”, procurou outra luz, a do Martinismo.

Das suas leituras, constam muitas obras sobre esoterismo, espiritualismo e maçonaria, marcando a sua personalidade e um certo gosto pelo “pensamento livre”.

Na sua correspondência com a Ordem Martinista de Papus solicitou ser iniciado com o intuito de fundar Lojas em Cabo Verde. Contra o “sectarismo científico, social e religioso”, e com a “ajuda do céu”, Teixeira falece em 1919, no Mindelo. Desconhece-se, até ao momento, se terá criado alguma Loja Martinista.

Artigo recebido em 19/01/2022

Artigo aceite para publicação em 15/11/2022

⁵⁹ VASCONCELOS, João - Ob. cit., p. 130.

AS LIÇÕES DE LYON PARA OS CAVALEIROS MAÇONS ELEITOS COËNS DO UNIVERSO: UM CURSO MARTINISTA NO SÉCULO XVIII (1774-1776)

VÍTOR ROSA

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi29v3>

vitor.alberto.rosa@gmail.com

RESUMO: Na cidade francesa de Lyon, durante três anos (1774 a 1776), três personalidades de primeira importância (Louis-Claude de Saint-Martin, Jean-Jacques Duroy d’Hauterive e Jean-Baptiste Willermoz) ensinaram a outros iniciados e membros da Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Coëns a teosofia e a teurgia do seu mestre e grande soberano Martinès de Pasqually. Que ensinamentos foram esses? Que teurgia é essa? O que pretendia essa Ordem, que ainda hoje tem os seus adeptos? Este artigo tem por objetivo perceber o que são as lições de Lyon e o seu significado, recorrendo aos manuscritos originais da época. Retraçamos a história e esclarecemos o pensamento martinista e martinista, enquanto corrente maçónica de misticismo judaico-cristã surgida no século XVIII.

PALAVRAS-CHAVE: Teosofia, Teurgia, Martinismo, Maçonaria

ABSTRACT: In the French city of Lyon, for three years (1774 to 1776), three personalities of first importance (Louis-Claude de Saint-Martin, Jean-Jacques Duroy d’Hauterive and Jean-Baptiste Willermoz) taught other initiates and members of the Order of the Masonic Knights Elect Coëns theosophy and theurgy of their master and great sovereign Martinès de Pasqually. What were these teachings? What teurgy is that? What did this Order, which still has its adherents today, intend? This article aims to understand what the Lyon lessons are and what they mean, using the original manuscripts of the time. We retrace the history and clarify the Martinist and Martinist thought, as a Masonic current of Jewish-Christian mysticism that arose in the 18th century.

KEYWORDS: Theosophy, Theurgy, Martinism, Freemasonry

Introdução

As lições foram dadas na cidade francesa de Lyon, numa “escola”, dita de Bordéus. As cidades de Paris, Toulouse e Lyon poderiam disputá-la, mas são apenas sucursais. Esta “escola” de Bordéus tem um fundador, Martinès de Pasqually (1727-1774), que vai falecer em Porto Príncipe (Haiti) em 1774, entrando assim nos círculos de expiação e de purificação. Ainda se desconhece muito sobre esta personalidade, estranho pela sua linguagem e simples nas suas atitudes, que alguns autores referem como “judeu cabalista português”, mas isso está por comprovar. Martinès vai criar uma sociedade secreta. O seu sistema é o de uma Ordem, nos quais os membros vão prestar um juramento e viver segundo certas regras. É uma Ordem que não é militar nem religiosa, mas baseia-se na Maçonaria. Atribui-lhe o seguinte nome: Ordem dos Cavaleiros Maçons Eleitos Coëns do Universo (OCMEU). No programa encontra-se uma teosofia, que combina a cabala teosófica-teúrgica e extática com o cristianismo. Tem afinidades com a magia, com a gnose e os mistérios da época (século XVIII), que os especialistas classificam de intertestamentária, ou seja, entre o século II e a segunda metade do I século depois de Jesus-Cristo. Esta “escola” não propõe apenas fazer os seus membros felizes, mas de os confrontar com o seu primeiro estado primitivo, perdido depois da Queda (Pecado Original), intrínseca ao crime de Adão, este “maçom verdadeiro”, que recebeu a Luz, colabora com Deus e os anjos, libertando e salvando o mundo, na perspectiva de Martinès. Esta “escola” reivindica o monopólio de uma instrução religiosa.

Martinès de Pasqually terá sido iniciado na Maçonaria. Quando e onde? Ainda hoje se ignora. Dotado de uma patente, datada de 1738, vai criar lojas maçónicas em França. A sua OCMEU vai se separar da Maçonaria francesa. Dota esta Ordem de uns *Estatutos Gerais* (1767) e cria o seu Tribunal Soberano, em Versalhes. Segundo os *Estatutos*, a filiação coën compõe-se dos seguintes graus: aprendiz, companheiro, mestre simbólico, mestre eleito, aprendiz coën, companheiro coën, mestre coën, grande arquiteto, cavaleiro do oriente, comendador do oriente, “réau-croix”.

Este artigo tem por objetivo perceber que lições eram essas, recorrendo aos manuscritos originais da época, arquivadas em várias bibliotecas francesas. Pretendemos retrair a história e esclarecer o pensamento martinista, enquanto corrente maçónica de misticismo judaico-cristã surgida no século XVIII, fundada sobre os ensinamentos de Martinès de Pasqually e de alguns dos seus principais discípulos, promotores das lições de Lyon: Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), com o pseudónimo de “Filósofo Desconhecido”, Jean-Jacques Duroy d’Hauterive (1741-1800) e Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824),

representante da face quase “externa” do Martinismo, ou mais exatamente o seu aspeto mais maçónico. Com os seus temperamentos, as suas visões e as suas espiritualidades, deixaram um legado que ainda hoje se faz sentir. O Martinismo é uma escola de prece, conforme aos ensinamentos destas personalidades, que insistem sobre a purificação do coração para avançar no santuário da verdade. Esta “via cardíaca” de adoração apoia-se sobre a prática teúrgica, para que o Homem, recuperando a sua origem primitiva (Adão), promova a reconciliação com o Deus criador.

Os cavaleiros maçons do universo

O título oficial da “escola”, como referimos anteriormente: OCMEU (cf. Figura 1).

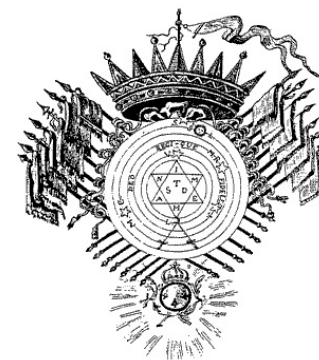


Figura 1: Emblema da Ordem dos Eleitos Coëns

É um singular regime da maçonaria escocesa que se reivindica de cavaleiresca¹. O período feudal conheceu muitas ordens militares e religiosas, sendo a Ordem do Templo a mais conhecida de todas. Possuidor de uma patente², herdada do seu pai, datada de 1738³, vai criar lojas maçónicas, em França⁴. Com a sua

¹ LE FORESTIER, René – *La franc-maçonnerie occultiste au XVIII siècle et l'Ordre des Élus Coëns*, Darbon, 1928.
² Na linguagem maçónica, uma carta-patente é o documento que certifica a criação, pela forma tradicional e regularmente reconhecida, de uma loja.
³ KERVILLA, André – *La patente 1738*. "Bulletin de la Société Martinès de Pasqually", 19, 2009, pp. 4-17.
⁴ NAHON, Michelle – *Martinès de Pasqually : un énigmatique franc-maçon théurge du XVIII siècle, fondateur de l'Ordre des Élus Coëns*, Pascal Galodé, 2011.

Ordem dos Eleitos Coëns⁵, pretendia que os seus membros fossem sacerdotes, militares e religiosos especiais. O Eleito Coën é um sacerdote escolhido, que adquiriu todos os graus ditos simbólicos da maçonaria (aprendiz, companheiro e mestre), bem como os ulteriores⁶. O grau de Eleito é para Martinès a eleição especial da tribo de Lévi⁷, destinado ao serviço do templo. O Eleito Coën é um homem da Bíblia: Antigo e Novo Testamento. Ele opera para a purificação do Homem⁸. Celebram um culto de natureza teúrgica⁹. Os “réaux-croix” (último grau nesta Ordem) ordenados são aqueles que estão capacitados para o realizar plenamente¹⁰. Na perspetiva de Amadou (2017), “réaux-croix significa homem-Deus da terra elevado por cima de todos os sentidos espirituais¹¹, ou recetáculo temporal sobre a qual a glória e a justiça do Criador se operam e que operam para a glória e justiça do Criador”¹².

A Ordem Coën recusa o mito de Hiram Abiff¹³. Tem por “apócrifos”¹⁴ ou “Jebuseus” os maçons do seu tempo, porque

Os filósofos apócrifos não obtiveram das nossas verdadeiras cerimónias misteriosas que a ordem contém e ensina; o que faz com que várias pessoas se apropriaram de alguns dos nossos instrumentos, e se juntaram com o seu chefe se arrogando do título de obreiros do templo de Salomão¹⁵.

⁵ Na Ordem também se escrevia “cohen(s)” e “coen” sem o trema. Nesta obra, utilizamos a transcrição mais frequente: coëns. Coën, em hebraico, significa sacerdote. COURTS, Georges – *Catéchisme des Élus Cohen selon le Chevalier Molinier*. “Bulletin de la Société Martinès de Pasqually”, 29, 2019, p. 21, refere que o significado de coën como sendo sacerdote judeu, e que continua a ser propagado nos meios martinistas, é errada. Na página 181, das *Leçons de Lyon aux Élus Coëns*, relativamente às instruções de Willermoz em 1775, a palavra coën é definida como “a incorporação do ser espiritual, ou a sua junção com o princípio corporal da sua forma”. Na página 183, a palavra coën é definida como “adepto da sabedoria”. Cf. AMADOU, Robert – *Les Leçons de Lyon aux Élus Coëns : un cours de martinisme au XVIII siècle par Louis-Claude de Saint-Martin, Jean-Jacques Du Roy d’Hauterive, Jean-Baptiste Willermoz, Dervy*, 2017.

⁶ DACHEZ, Roger – *Les premiers grades coëns. I. À propos d’un rituel d’Élu (4^{ème} grade)*. “Renaissance Traditionnelle”, 71, 1987, pp. 161-192; DACHEZ, Roger – *Les premiers grades coëns. II. Documents complémentaires*. “Renaissance Traditionnelle”, 73-74, 1988, pp. 78-106.

⁷ Os Levitas são os descendentes de Lévi, terceiro filho de Jacob, e a sua tribo estava reservada para a função sacerdotal.

⁸ A Ordem Coën era mista, mas as mulheres foram admitidas em pequeno número. Cf. CAILLET, Serge – *Des femmes chez les élus coëns*, “Politica Hermetica, L’Ésotérisme au féminin”, 20, (2006), pp. 13-28.

⁹ Cf. AMADOU, Robert – *La magie des élus coëns (théurgie)*. Instruction secrète, Cariscript, 1988.

¹⁰ Sobre os deveres de um “réau-croix”, cf. AMADOU, Robert – *La magie des élus coëns*. Ob. cit., pp. 22-23..

¹¹ PÉLAGIUS – *L’anacrise : pour avoir la communication avec son ange gardien*. Cariscript, 1990.

¹² AMADOU, Robert – *Les Leçons de Lyon aux Élus Coëns* - Ob. cit., p. 19..

¹³ Figura alegórica mencionada no ritual maçónico, como sendo o mestre de construção do templo do Rei Salomão, que terá governado Israel entre os anos 970 e 930 a.C.

¹⁴ AMADOU, Robert – *Le combat singulier du Grand Souverain contre la Maçonnerie apocryphe... Ou Martinès de Pasqually aux archives du Grand Orient de France*. “Renaissance Traditionnelle”, 131-132, (2002), pp. 250-281.

¹⁵ AMADOU, Robert – *Catéchisme des philosophes élus coëns de l’univers*. Cariscript, 1990, p. 12.

Precisemos que Martinès era depositário de uma tradição doutrinal, ritual, operativa, veiculada fora da Maçonaria, e que lhe terá chegado principalmente pela via oral¹⁶. A sua obra, *Traité sur la réintégration*¹⁷ (1899), expõe a sua teoria.

A teurgia (ritos e práticas, procurando o contato com os espíritos celestes)¹⁸ é indissociável da mística. Nesse sentido, a via coën não se pode reduzir a uma simples magia cerimonial. E como a mística é indissociável da religião, a teurgia coën não ignora a mística no seio da religião judaico-cristã.

A Ordem Coën pretende ser uma “escola” de prece e de virtudes, por isso as grandes operações teúrgicas dos seus membros começavam pela litania dos santos e os sete salmos penitenciais, que eram ditos a cada renovação das fases da lua. Saint-Martin refere: “Os trabalhos que nós seguimos não têm outro objetivo. As nossas sete classes, ou os nossos sete graus, devem nos abrir um dos sete selos, ou as sete portas da inteligência”¹⁹. E cada uma dessas classes da Ordem oferece uma imagem desta expiação²⁰.

Nem todas as pessoas poderiam ser recebidas nesta Ordem. O *Catéchisme des philosophes élus coëns de l’univers*²¹ apresenta as qualidades requeridas:

É preciso que ela seja doce, afável, de bons costumes, sociável com todo o tipo de pessoas, sóbrio, discreta, despojada de todos os vícios desonestos, virtuoso; que ela nunca tenha tido alguma infâmia na sua família, seja em linha direta, seja na colateral.

Os *Estatutos Gerais* de 1767 desenvolvem um pouco mais a integridade dos candidatos:

Nenhum homem deformado será recebido entre nós, especialmente aqueles marcados com a letra ‘B’²² à nascença. Rejeitamos ou expulsamos desta ordem, por estes estatutos, como monstros da sociedade, aqueles que negam a espiritualidade da alma, a vida futura e a existência de um Deus vingador e recompensador. Os espíritos turbulentos, os subornados, os blasfemadores, os jogadores indiscretos, os mafiosos, os caluniadores, e os

¹⁶ CAILLET, Serge – *Les sept sceaux des élus coëns*, “Le Mercure Dauphinois”, 2011.

¹⁷ AMADOU, Robert – *Robert Amadou, Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissance spirituelle divine : Martines de Pasqually, Première édition authentique d’après le manuscrit de Louis-Claude de Saint-Martin établie et présentée par Robert Amadou*. Diffusion Rosicrucienne, 2016.

¹⁸ Cf. PÉLAGIUS – *L’anacrise : pour avoir la communication avec son ange gardien*. Cariscript, 1990.

¹⁹ « Instruction sur la sagesse » - Ob. cit., p. 70.

²⁰ Les Leçons de Lyon, n.º 103.

²¹ AMADOU, Robert – *Catéchisme des philosophes...* 1990. Cariscript.

²² Remete para Boaz, nome de uma das colunas do templo de Salomão, exprimindo, entre outros aspetos, a prevaricação do primeiro homem (Adão).

*facciosos não devem ser recebidos entre nós, e serão radiados se, depois de terem sido caridosamente admoestados, não mudarem, Nem aqueles que colocam a maior felicidade em comer e beber, ou que, ignorando os deveres do seu estado, se ocupam apenas de coisas vãs, com o seu adorno e com o prazer do sexo justo, sem se preocuparem em se tornarem úteis à sociedade por algum talento*²³.

No artigo IV, dos *Estatutos*, refere-se ainda que seguem as leis prescritas pelo Levítico (terceiro livro da bíblia hebraica): “aqueles que foram banidos da sociedade serão banidos por algum tempo das nossas assembleias, aqueles que foram punidos com a morte serão expulsos para toda a vida da ordem”²⁴. Para os Eleitos Coëns do século XVIII, pouco importava a confissão religiosa de origem, católica romana ou reformada. Cada um da sua forma, e segundo as suas próprias virtudes, considerava-se portador de uma luz nas trevas, desejando encontrar homens e mulheres bons para serem admitidos(as) na Ordem.

É o Homem que cria os seus Deuses e é ele que os faz perdurar. O quadro teórico do movimento e da Ordem de Martinès assenta numa leitura diferente do livro de Deus (Bíblia). Isso não é novo, dado que a etimologia da palavra “religião” é muitas vezes contestada, e existem múltiplas definições de religião²⁵. Ora se associa ao verbo latim “religare”, religar, estabelecer uma relação com a divindade, que passa, muitas vezes, pela dependência relativamente aos responsáveis religiosos, ora a uma forma do verbo “religere”, reler, fazer uma nova leitura dos textos sagrados, levando a uma análise e a uma reflexão pessoal e a uma compreensão diferente dos textos bíblicos. A primeira etimologia (*religare*) solicita o plano afetivo, a segunda (*religere*) o intelecto. Martinès harmoniza estas duas formas de aproximação, o que explica o interesse que as suas ideias suscitaram e ainda suscitam. Não só ele não é rejeitado pela igreja católica, como provoca conversões de protestantes (Jean-Jacques Bacon de la Chevalerie e Jean-Jacques Duroy d’Hauterive, por exemplo). E eclesiásticos (Pierre Fournié é um caso conhecido) tornam-se seus alunos²⁶.

Ao quadro teórico, ele associa uma parte prática do trabalho quotidiano para o “sacerdote eleito” ou “Eleito Coën”, exercícios espirituais, meditações, preces, rituais de integração no grupo – os graus maçónicos clássicos (aprendiz,

²³ *Status Généraux de l’Ordre des Élus Coëns*, 1767. Ob. cit., chapitre 1^{er}, article II.

²⁴ *Status Généraux de l’Ordre des Élus Coëns*, 1767. Ob. cit., chapitre 1^{er}, article IV.

²⁵ COUTINHO, José – *Religião e outros conceitos*, “Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”, 24, (2012), p.175.

²⁶ ROSA, Vitor – *Abade Pierre Fournié (1738-1825): um martinista convicto*. “Via Spiritus”, 28, (2021), pp. 323-337. <https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi28v5>; ROSA, Vitor – *Martinès de Pasqually: um enigmático teúrgico do século XVIII*, 2021, Edição de Autor.

companheiro, mestre) – e os rituais de tipo mágico, teúrgico ou xamânico, que fazem entrar o adepto do seu movimento em relação com os espíritos intermediários entre o homem e Deus, que são, muitas vezes, figuras angélicas. Para chegar a Deus, são precisos sete anos na Ordem. Só quando um dos seus discípulos, “émules” (émulos) como Martinès os qualifica, estabelece um contacto com esse plano, por uma percepção visual, auditiva ou tátil, que poderá descrever ou desenhar, é que ele é reconhecido por Martinès como o verdadeiro contacto com a “Coisa”, e pode ser admitido no grau mais elevado (o sétimo) da Ordem, o grau de “Réau-Croix”.

As cerimónias de iniciação nesta Ordem têm uma função pedagógica e de instrução para os candidatos, fazendo reviver um momento da história santa. No grau de aprendiz associa-se simbolicamente o mito adâmico, no grau de companheiro revive-se o crime de Caim na pessoa do seu irmão Abel, imitando o culpado e a vítima, no grau de mestre ressuscita-se a história de Noé²⁷.

O culto primitivo

Este culto é quádruplo: expiação, purificação, reconciliação e santificação. E tem uma correspondência: o último culto é primordial ao pensamento divino, o terceiro corresponde à vontade ou ao verbo, o segundo corresponde à ação e o primeiro corresponde à operação²⁸ (cf. Figura 2 e 3).

Amadou (2017) refere:

*O homem no seu primeiro estado tem que operar por si mesmo um culto de santificação; ele era o agente pelo qual os espíritos deveriam operar os três outros [cultos]. Tendo caído [Pecado Original], é preciso que ele opere por si mesmo. A forma do culto mudou; o homem não pode se passar sem as formas e o culto coën associa as leis cerimoniais*²⁹.

Na lição de Lyon n.º 99 é referido que os quatro cultos estavam designados na

²⁷ Os rituais usados nas cerimónias encontram-se conservados na BnF (manuscrito Thory, ms. FM 1051-1052).

²⁸ Sobre as diversas operações teúrgicas (rituais, preces, invocações, etc.) dos eleitos coëns, Cf. AMADOU, Robert – *La magie des élus coëns (tbéurgie)*... 1988. Cf. também COURTS, Georges – *Manuscrit de l’Ordre des Élus Coëns noté par un émule de Martinès de Pasqually, Pierre-André de Grainville*. “Bulletin de la Société Martinès de Pasqually”, 14, 2004; COURTS, Georges – *Le Grand Manuscrit d’Alger – Magie & Franc-Maçonnerie au XIII siècle, Manuscrit de l’Ordre des Élus Coëns, le cahier vert, tome 1*. Éditions Arqa, 2009; COURTS, Georges – *Le Grand Manuscrit d’Alger – Magie & Franc-Maçonnerie au XIII siècle, Manuscrit de l’Ordre des Élus Coëns, le cahier vert, tome 2*. Éditions Arqa, 2013; COURTS, Georges – *Catéchisme des Élus Cohen selon le Chevalier Molinier*. “Bulletin de la Société Martinès de Pasqually”, 29, (2019), pp. 19-34.

²⁹ AMADOU, Robert - Ob. cit., p. 20.

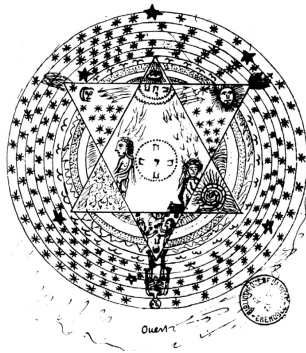


Figura 2: Desenho de uma operação teúrgica, Prunelle de Lière.
Fonte: Biblioteca Municipal de Grenoble

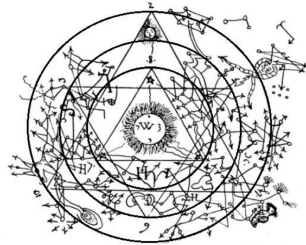


Figura 3: Representação Coën
Fonte: Lamy (2019, p. 130)

antiga lei por quatro sacrifícios diferentes que fazia o grande sacerdote, pelas quatro espécies de animais, as quatro estações ou festas principais e as quatro preces diárias.

O culto coën releva, em parte, do judaísmo. Ele se assemelha ao culto judaico dos *cohanim*. Amadou (2017) sublinha que este culto não tem por função rivalizar com o culto cristão. Martinès procura revelar o sentido esquecido ou escondido das verdades capitais do cristianismo. Amadou (2017) situa que a sua “Igreja” é a siríaca de Antioquia, conhecida por ser a mais antiga na história do cristianismo.

A teologia de Martinès gira em torno de Cristo³⁰. Martinès deixa a França

³⁰ ROSA, Vitor – *A criação do mundo segundo Martinès de Pasqually: o Tratado sobre a Reintegração dos Seres*. "AD AETERNUM", 3, (2022), pp. 133-145.

em 05 de maio de 1772 para ir reclamar uma herança familiar e vai falecer em Porto Príncipe (Haiti) em 20 de setembro de 1774³¹, deixando a sucessão da Ordem a Joseph Pierre Caignet de Lestère (1719-1778)³². Alguns dos seus discípulos vão continuar a “pregar” a sua obra e doutrina. Louis-Claude de Saint-Martin, que foi secretário de Martinès, Jean-Jacques Duroy d’Hauterive, perseverante no formalismo teúrgico, e Jean-Baptiste Willermoz, fundador do Regime Escocês Retificado (RER)³³.

As lições de Lyon

As lições (orais ou escritas) de Lyon foram proferidas. Da documentação disponível, existem algumas notas, conservadas, sobretudo, nas Bibliotecas Municipais de Lyon, Grenoble e Biblioteca Nacional de França (Bnf) (cf. Figura 4).

Três testemunhos, no sentido bibliotecário do termo, transmitiram essas notas. O primeiro testemunho material é um manuscrito conservado na Biblioteca Municipal de Lyon, e provém, sobretudo, de Jean-Baptiste Willermoz. O segundo testemunho material está conservado num arquivo, dito “fundo Z”, e eram manuscritos de Louis-Claude de Saint-Martin. O terceiro testemunho são os fundos documentais de Léonard-Joseph Prunelle de Lierre (ou Delierre) (1741-1824), conservados na Biblioteca Municipal de Grenoble³⁴. A primeira lição terá sido dada em 7 de janeiro de 1774 e a última terá sido proferida em 23 de outubro de 1776.

Jean-Baptiste Willermoz, natural de Lyon, e comerciante de sedas, foi admitido na Ordem em 23 de maio de 1767 e foi recebido “réau-croix” do 11 ao 13 de maio de 1768, em Paris. Saint-Martin, natural de Tours, advogado e militar, era eleito coën deste 1765. Foi recebido “réau-croix” em Bordéus em 15 de abril de 1772. Jean-Jacques Duroy d’Hauterive, natural de Montauban, militar, será iniciado em 1769. Vão se reencontrar em Lyon e vão dar várias

³¹ NAHON, Michelle – *Martinès de Pasqually*... Ob.cit.

³² Considera-se, geralmente, que as atividades da Ordem dos Eleitos Coëns terminam com o falecimento de Martinès de Pasqually, mas uma parte dos coëns, agrupados em Toulouse e Bordéus, continuam a iniciar novos membros até à Revolução Francesa e é possível seguir as atividades e projetos até 1791. Cf. CLAIREMBAULT, Dominique – *Jean-Jacques Duroy d’Hauterive (1741-1800) : itinéraire d’un élu coën en résistance*. "Bulletin de la Société Martinès de Pasqually" 30, (2020), pp. 6-21.

³³ Cf. VIVENZA, Jean-Marc – *Le Martinisme : l’enseignement secret des Maîtres : Martinès de Pasqually, Louis-Claude de Saint-Martin et Jean-Baptiste Willermoz, fondateur du Régime Écossais Rectifié*, Le Mercure Dauphinois. 2012 ; JOLY, Alice – *Un mystique lyonnais et les secrets de la franc-maçonnerie, 1730-1824*, Mâcon. 1938 ; RIJNBERK, Gérard Van – *Un thaumaturge au XVIII^e siècle, Martinès de Pasqually, sa vie, son œuvre, son Ordre*. F. Alcan, 1935 ; BAADER, Franz von – *Les enseignements secrets de Martinès de Pasqually*, Chacornac. 1900 ; PAPUS – *Martinès de Pasqually*, Chamuel, 1895.

³⁴ BMG (Biblioteca Municipal de Grenoble), fundos documentais de Prunelle de Lière, Ms 4122 – *Extrait de séances de C** [coën], société mystique dont les membres se nomment « Élus coëns », 1775-1776*.

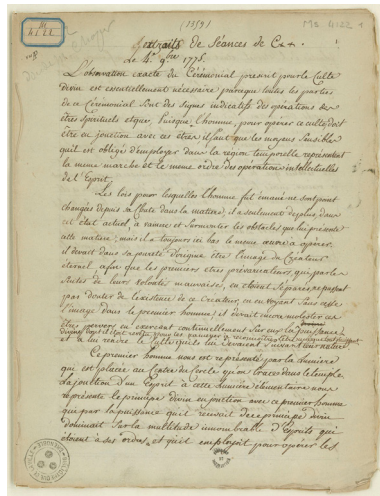


Figura 4: Excerto de uma lição de Lyon, 4/10/1775
Fonte: Biblioteca Municipal de Grenoble

lições a outros membros. Saint-Martin vai proferir lições entre janeiro de 1774 e abril de 1776. Duroy dá vinte e uma lições entre julho e outubro de 1776. Jean-Baptiste Willermoz terá assistido a grande parte das lições, tomando as suas anotações³⁵.

Essas lições ou ensinamentos são baseadas(os) sobre um princípio, e que se pode resumir a uma afirmação simples, mas categórica: o homem não está atualmente no estado que foi o seu primitivamente; vítima de uma Queda, que ele é o responsável, vive como um prisioneiro, um exilado no seio de um mundo e de um corpo que lhe são estranhos. Esta doutrina, expressa nas Sagradas Escrituras, evocada pelos apóstolos, e depois ao longo dos séculos pelos Pais da Igreja, será relembada, afinada e desenvolvida de uma forma particular no século XVIII em França por Martinès de Pasqually, e depois pelos seus seguidores. Vivenza (2012) realça que a doutrina de Martinès apresenta aspetos surpreendentes, possui uma coerência interna admirável, fornecendo, sobre vários aspetos obscuros da História universal, esclarecimentos essenciais, oferecendo, àquele que se queira dar ao trabalho de refletir sobre o assunto, “de entrar na inteligência das causas primeiras e a compreensão de verdades até então desconhecidas”³⁶. As lições de Lyon são irrigadas também pela ciência dos

números.

Na primeira lição de Lyon, “Première instruction du 7 janvier 1774”, fala-se sobre a criação universal material temporal e o número senário que a produz, e as suas relações com o homem.

*Como o Criador desejava formar este universo físico de matéria aparente para a manifestação do seu poder, justiça e glória, o plano que concebeu apresentou-se à sua imaginação divina de forma triangular, tal como o plano ou desenho de um quadro se apresenta à imaginação do pintor que o espera, antes de iniciar a execução*³⁷.

Aprende-se nesta Ordem se “ensina as três faculdades divinas, que são pensamento, vontade e ação, ou, num outro sentido que explicaremos quando chegar o momento, intenção, verbo e operação”³⁸. Na segunda lição, “deuxième instruction du lundi 10 janvier 1774”, aprofunda-se a temática:

*A emanação quaternária do homem da quádrupla essência divina representada pelo pensamento, 1, vontade, 2, ação, 3, e operação, 4, assim a misteriosa adição completa o nome denário, 10, ou ⑩, isto é, a circunferência que é a semelhança do poder eterno e da criação universal, e o seu centro que representa a unidade indivisível da qual todos vieram e na qual todos serão reintegrados*³⁹.

Saint-Martin evoca que “a comunicação das coisas espirituais com o homem ocorre por vários meios, nomeadamente pela fala, pela audição, pela visão, pelo efeito da presença do espírito, pela alma, e pelo intelecto”⁴⁰. Se assim é, Le Forestier (1900) salienta que de 1774 a 1776 Willermoz e os seus seguidores seguiram com paixão as conferências, onde as doutrinas secretas delineadas no tratado da Reintegração foram aprofundadas e desenvolvidas⁴¹. De facto, as outras lições aprofundam a doutrina martinista, permitindo aceder ao coração desta teosofia⁴².

³⁷ Première instruction du 7 janvier 1774, proferida por Jean-Baptiste Willermoz.

³⁸ Première instruction du 7 janvier 1774, proferida por Jean-Baptiste Willermoz.

³⁹ Deuxième instruction du lundi 10 janvier 1774, proferida por Jean-Baptiste Willermoz.

⁴⁰ AMADOU, Robert – *La magie des élus coëns (théurgie)*... Op. cit., p. 29.

⁴¹ LE FORESTIER, René – *La franc-maçonnerie templière et occultiste aux XVIII et XIX siècles*, Aubier-Montaigne, 1900.

⁴² A teosofia, que não é uma filosofia ou uma teologia, constitui uma forma particular de mística, dita “especulativa”. Cf. AMADOU, Robert – *La magie des élus coëns*... Ob. cit., p. 11.

³⁵ AMADOU, Robert - Ob. cit., p. 113.

³⁶ VIVENZA, Jean-Marc - Ob. cit., p. 30.

Conclusão

Depois do falecimento de Martinès, a Ordem dos Eleitos Coëns ficou em adormecimento, ou seja, não terá continuidade; ela só será reativada em 1942/43. No entanto, o seu ensinamento e alguns textos não se perderam. Legou uma doutrina estruturada e estabelecida, assim como os fundamentos espirituais de um pensamento secreto e misterioso que presidiu nos trabalhos da Ordem dos Eleitos Coëns do Universo. Esta doutrina apresenta muitos aspectos surpreendentes e obscuros da História universal. Martinès conduziu o discípulo numa viagem “antes do início dos tempos”, numa espécie de descoberta da “proto-história”. Sem dúvida pela sua herança judaico-cristã de tendência “pré-niceia” (antes do ano 325).

Para Martinès, Deus é integralmente “Um” do ponto de vista da substância e quaternário, segundo a sua essência. Ele abordou problemas extremamente subtis e difíceis sobre a natureza de Deus, que ocupam e, por vezes, dividem e se opõem desde o início do cristianismo, os patriarcas da Igreja, expondo as suas convicções. Ele relembra as essências espirituais primitivas, o sol, o enxofre e o mercúrio, correspondendo aos três elementos fundamentais: água, fogo e terra, do qual provêm os três princípios corporais: aquático, ígneo e terra, situada na raiz profunda e orgânica das formas viventes, de cada criatura mineral, vegetal ou animal. Isso permite compreender melhor a razão pela qual, segundo Martinès, a Terra é triangular na sua forma e apenas possui três horizontes: o norte, o sul e oeste.

Este ensinamento tem importância sobre o plano metafísico e esotérico. Quando fala do ato criador do Eterno, salienta que Deus “emana” os seres espirituais. Esta expressão não pode ser entendida no sentido que deram as seitas gnósticas, quando defendiam, nos primeiros séculos do cristianismo, um “emanatismo” errado, que era apenas uma forma grosseira de panteísmo. Esta emanção (o Uno irradia a sua própria substância em círculos concêntricos) produz-se “antes do tempo”, que são as primeiras palavras do *Traité sur la réintégration*, que abrem e introduzem, simbolicamente, o discurso martinézista e que nos leva para a realidade ainda não manifestada dos mistérios da Divindade.

A originalidade desta doutrina é porque incide sobre a análise de episódios da Queda, tentando esclarecer alguns pontos totalmente incompreensíveis e obscuros à inteligência comum. A explicação de Martinès concerne o crime espiritual de Adão, o seu pecado, e a natureza do seu ato de prevaricação. A punição, infligida por Deus, foi a de submeter o Homem à determinação de finitude. A morte é, para si, uma forma de reparar o mal que fez e de se reconciliar com o Criador. A morte é, de certa forma, a penitência do Céu, instrumento purificador que permite a Adão, novamente, de reencontrar as mesmas virtudes e poderes que lhe tinham sido dadas(os) por Deus.

O culto celebrado pelos coëns retoma os elementos do culto celebrados por Adão, mas são aperfeiçoados, tornando-os mais eficazes e justos: o culto da expiação, o culto de purificação, o culto de reconciliação e o culto de santificação. Seguindo a lei antiga, para os coëns correspondem aos quatro sacrifícios que faziam os sacerdotes em quatro espécies de animais. São ainda as quatro estações do ano. Como a Ordem de Martinès é sacerdotal, consagrada para a celebração do culto primitivo, os coëns procuram trabalhar para a preservação da pureza da sua ordenação.

Três discípulos – Saint-Martin, Willermoz e Hauterive –, cada um da sua forma, vão continuar o legado do seu mestre: Martinès de Pasqually. As chamadas lições de Lyon são, no fundo, a exposição da doutrina que era ensinada nas várias lojas maçónicas, fundadas por Martinès. Muitos mistérios ainda persistem sobre esta Ordem, e sobre as lições “martinistas” dadas durante 1774 e 1776.

Artigo recebido em 19/01/2022

Artigo aceite para publicação em 15/11/2022